

Gros tira dúvida de credor inglês

Londres — Ao encerrar, no final da tarde de ontem, uma visita de 24 horas aos representantes do mercado financeiro britânico, o presidente do Banco Central, Francisco Gros, expôs o elenco de intenções e possibilidades do Governo às vésperas da assinatura de um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em Nova Iorque. Gros tentou tirar as dúvidas ainda existentes junto aos banqueiros, dando início, assim, a uma nova ofensiva do Brasil na questão da dívida externa.

Acompanhado pelo negociador da dívida externa, Pedro Malan, e pelo diretor da área externa do Banco Central, Armínio Fraga, Francisco Gros, depois de cumprir todos os compromissos de sua agenda, revelou aos jornalistas durante uma coletiva à imprensa realizada na sede do Lloyds Bank, na City, que uma das maiores preocupações demonstradas por seus interlocutores foi com relação ao reajuste de 146,06% para o pagamento dos aposentados e pensionistas da Previdência Social.

Na tentativa de tranquilizar as autoridades inglesas, o presi-

dente do BC explicou que o mérito da medida ainda não havia sido julgado pelo Supremo Tribunal Federal. Gros disse ainda que o objetivo do Governo é o de não gastar nada além do que estiver arrolado em seu orçamento. Diante da apreensão demonstrada pelos seus interlocutores de que o Brasil pode se ver obrigado a aumentar seu déficit a fim de honrar o pagamento desses aumentos, Francisco Gros disse que o assunto ainda deverá ir ao Congresso a quem caberá definir a origem desses recursos financeiros.

Mesma moeda

Em suas conversas com Stewart Gager, representante do principal credor britânico — Midland Bank — e com o presidente do Lloyds Bank, sir Jeremy Morse, Francisco Gros fez questão de assegurar que o Brasil não pretende pressionar com vistas a uma negociação na qual os bancos privados saíam prejudicados. Ele explicou, no entanto, que o País não terá recursos suficientes para adquirir um volume significativo de garantia de bônus reivindicado pelos credores privados e, ao mesmo tempo,

pagar o montante de serviço da dívida que os membros do Clube de Paris vêm exigindo. Segundo Gros, que viajou ainda ontem à noite para Paris, essa negociação terá que ser feita em conjunto, entre credores privados e públicos, como parte integrante de um acerto global com toda a comunidade financeira internacional. "São dois lados de uma mesma moeda", ressaltou Gros.

Pressionado por um jornalista inglês que quis saber se a recente alta da inflação poderia comprometer o bom andamento das negociações com os credores internacionais, o presidente do Banco Central enfatizou que o Brasil pretende cumprir todos os compromissos contidos em sua recente carta de intenções ao FMI e no memorando técnico de entendimento, com inflação alta ou inflação baixa. Disse que a expectativa inflacionária brasileira era um fenômeno mais complicado de ser entendido por um estrangeiro, mas frisou que o Governo estava atento para reformular, se necessário, qualquer política econômica que estivesse dando maus resultados.